

## REAL SUSTENTABILIDADE

**\* Roberto Rodrigues**

Todo mundo fala em sustentabilidade. Todo mundo defende o desenvolvimento sustentável. Mas nem todo mundo entende do que está falando ou defendendo.

O conceito clássico de atividade sustentável pressupõe o que se convencionou chamar de “triple bottom line”, e que compreende 3 vertentes: a social, a ambiental e a econômica.

O essencial deste conceito está no balanço rigoroso das 3 vertentes, no equilíbrio entre as 3. Infelizmente, muitos usuários do tema são levados pela paixão, por ideologias de toda ordem ou por interesses setoriais e específicos.

Empresários dominados pela ambição exagerada, por exemplo, colocam mais peso no vértice econômico do triângulo da sustentabilidade. Defendem seu sistema de produção artificializando o argumento, mas, na verdade, só buscam o lucro.

Ambientalistas empedernidos só se importam com seu caráter do tripé. Usam argumentos exagerados para justificar defesa intransigente do meio ambiente, do tipo “nosso planeta está morrendo” e com isso propõem às vezes ações protecionistas desproporcionais.

E estudiosos apaixonados pelo tema social só enxergam este ângulo, dando a ele mais importância que aos demais.

É normal que seja assim, cada qual puxando brasa para a sua sardinha, mas não há desenvolvimento nem produção sustentável de coisa alguma se o equilíbrio não for alcançado: os 3 valores devem ser respeitados isonomicamente.

Está ficando comum, por exemplo, gente da maior boa vontade, mas teórica ao extremo, declarar que os agricultores precisam contribuir com o desenvolvimento harmonioso do planeta, reduzindo o aquecimento global, e devem produzir muito mais e mais barato. Assim, o tema social ficaria resolvido, porque as populações de baixa renda teriam acesso à alimentação barata. Adicionalmente, espera-se que isso seja obtido com redução drástica do uso de defensivos agrícolas, de fertilizantes químicos, de sementes transgênicas, de água, emitindo menos CO<sub>2</sub> nas máquinas agrícolas, sem derrubar uma única árvore. Isso resolveria a demanda ambiental. Ora, é claro que a equação não fecha.

A agropecuária, como qualquer atividade econômica, precisa de resultados financeiros positivos, lucro, sob pena de desaparecer. Não há produção rural romântica ou bucólica. Mas tem gente boa que não alcança isto, até porque, no Brasil, o imaginário popular ficou tomado pela maior peta de nossa história, perpetrada por Pero Vaz de Caminha, que, para adular o rei de Portugal, lhe contou que “nesta terra, em se plantando, tudo dá”. Esta é a primeira lição que todos aprendemos na escola, e é falsa, porque a enorme maioria dos nossos solos é pobre e, sem calcário e adubação, não produz nada.

A agropecuária brasileira é sustentável, sem a menor sombra de dúvida, e isto se deve a dois fatores principais: à tecnologia tropical que nossos órgãos

de pesquisa e extensão rural criam e difundem, e aos nossos produtores que as assimilam.

Números não faltam para confirmar esta informação.

Exemplo: a produção de grãos no país cresceu 142% desde 1990 até hoje, enquanto a área plantada cresceu 26%, quase 6 vezes menos. A que se deve isso? À tecnologia aqui desenvolvida, que permitiu, no período citado, economizar 44 milhões de hectares de florestas e cerrados: se tivéssemos hoje a mesma produtividade de há 20 anos, teria sido necessária esta área adicional para produzir os 140 milhões de toneladas de grãos deste ano.

O mesmo acontece com a cana, com carnes, leite, frutas e todos os demais produtos.

O plantio direto sequestra 13 milhões de toneladas de CO<sub>2</sub> por ano, uma coisa notável.

A nova mágica técnica, integração lavoura/pecuária/silvicultura, vai nos dar uma chance fantástica de recuperar os 50 milhões de hectares de pastagens degradadas, sem derrubar uma única árvore da Amazônia.

A agricultura de precisão, o crescente reflorestamento (52% dos produtos de madeira exportados pelo Brasil no ano passado vieram de florestas plantadas), o etanol (que emite 89% menos CO<sub>2</sub> que a gasolina), o controle biológico de pragas, a redução do desmatamento, entre outros processos, nos colocam na liderança da agricultura sustentável do planeta.

Mas nossos concorrentes de fora fingem ignorar isso, embora o saibam.

E pior: temos “fogo amigo” dentro do país, ateados por insustentáveis “pregadores” da sustentabilidade.

Portanto, é preciso informar melhor, comunicar melhor nossas vantagens competitivas neste aspecto, visto que temos as comparativas.

E, sobretudo, convencer a opinião pública que os radicais só perturbam a verdadeira sustentabilidade.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**